

Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos - UNICEPLAC
Curso de Educação Física
Trabalho de Conclusão de Curso

As mulheres no futebol e na educação física escolar

Brasília/DF
2022



(61) 3035-3900



www.uniceplac.edu.br



Área Especial para Indústria
Lote nº 02, Bloco A, Sala 304,
Setor Leste, Gama, Brasília, DF
CEP 72.445-020

MARIA EDUARDA SOUZA MARTINS

As mulheres no futebol e na educação física escolar

Artigo apresentado como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos - UNICEPLAC.

Orientadora: Prof.^a Me. Gisele Kede Flor Ocampo.

Brasília/DF

2022



MARIA EDUARDA SOUZA MARTINS

As mulheres no futebol e na educação física escolar

Artigo apresentado como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – UNICEPLAC.

Brasília, 21 de junho de 2022.

Banca Examinadora



Prof.^a Me. Gisele Kedé Flor Ocampo
Orientador



Prof.^o Me. Demerson Godinho Maciel
Examinador



Prof.^o Me. Leonardo Peixoto Arêas da Silva
Examinador



As mulheres no futebol e na educação física escolar

Maria Eduarda Souza Martins¹

Resumo:

Mesmo conquistando espaços no mundo futebolístico no Brasil, as mulheres ainda passam por situações voltadas a serem comparadas aos homens, tanto em suas capacidades físicas como nas técnicas dentro do futebol. Por isso, o ambiente escolar, acaba, de vez em quando, refletindo essas barreiras sexistas criadas culturalmente, realizando atividades que separam as meninas e os meninos, principalmente quando se trata do esporte na educação física. Então, seriam necessárias intervenções pedagógicas para desconstruir essas ações e pensamentos comparativos em sua prática. Contudo, estamos muito além de um tempo deste cenário que mudaria com atribuições de entidades responsáveis pela modalidade. Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo abordar a trajetória das mulheres dentro do futebol feminino e o futebol dentro da educação física escolar.

Palavras-chave: Futebol Feminino. Desigualdade entre gêneros. Preconceito dentro do futebol. Educação Física Escolar.

Resumen:

Aún conquistando espacios en el mundo del fútbol en Brasil, las mujeres aún pasan por situaciones encaminadas a ser comparadas con los hombres, tanto en sus capacidades físicas como en las técnicas dentro del fútbol. Por tanto, el ámbito escolar, de vez en cuando, acaba reflejando estas barreras sexistas creadas culturalmente, realizando actividades que separan a niñas y niños, especialmente cuando se trata del deporte en educación física. Entonces, serían necesarias intervenciones pedagógicas para deconstruir estas acciones y pensamientos comparativos en su práctica. Sin embargo, estamos mucho más allá de un momento de este escenario que cambiaría con las atribuciones de las entidades responsables de la modalidad. De esta forma, el presente estudio pretende abordar la trayectoria de la mujer dentro del fútbol femenino y el fútbol dentro de la educación física escolar.

Palabras-chave: Fútbol femenino. Desigualdad de género. Prejuicio dentro del fútbol. Educación física en la escuela.

¹ Graduanda do Curso de Educação Física, do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos - UNICEPLAC. E-mail: soumarisduds@gmail.com.



INTRODUÇÃO

“A Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal” (CASTELLANI FILHO, 2009, p. 41). Nesta perspectiva, a Base Nacional Comum Curricular esclarece:

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história (BRASIL, 2017, p. 211).

(...) entende-se que a Educação Física, juntamente com os demais componentes curriculares, deve propiciar ao aluno o exercício da cidadania, formando o aluno crítico, capaz de conquistar a autonomia, por meio do conhecimento, reflexão e transformação da cultura corporal de movimento (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2010, p. 921).

O futebol é bastante utilizado nas aulas de educação física, todavia, na prática, desigual, por existir diferenças entre os gêneros. Tal desigualdade não acontece apenas por parte dos estudantes, ela também vem através da forma em que a escola lida com o tema. Nesse sentido, de acordo com Furlan e Santos (2008), a escola, desde o início, separa os indivíduos através de classificações, ordens e hierarquização, causando assim distinções e desigualdades entre os estudantes no ambiente escolar.

O gênero feminino, de acordo com Tojal (2003) sempre foi visto pela sociedade como um sexo frágil, sendo sempre levado como incapaz de realizar práticas esportivas e corporais, porque exigem força, habilidades etc. e, principalmente, por esse fator, as mulheres sofrem tanto com a desigualdade dentro das escolas, já que “culturalmente” o futebol não é lugar delas, sendo um ambiente apenas masculino. Porém, existe uma grande luta das mulheres para mudar essa ideia de que existe um gênero certo para as práticas esportivas e corporais.

Assim, esse estudo serve para maior entendimento sobre essa considerável desigualdade que, mesmo diminuindo, ainda existem frequentes situações em que as mulheres são impedidas de praticar esportes dentro das escolas até pela falta de ensinamentos baseados em desconstruir pensamentos voltados a comparar homens e mulheres dentro dos esportes.



Dessa forma, o objetivo deste trabalho é abordar, por meio de uma revisão narrativa de literatura, a trajetória das mulheres dentro do futebol feminino e o futebol dentro da educação física escolar, iniciando com um breve histórico sobre a visibilidade alcançada pelas mulheres no futebol, a desigualdade sofrida pelas classificações entre os sexos feminino/masculino durante as aulas de Educação Física e intervenções pedagógicas que podem ser adotadas pelos professores durante as aulas que possam favorecer o fim da desigualdade entre os sexos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desse trabalho foram feitas buscas por meio de bases de dados eletrônicos: Scielo e buscas nos sites: Google e Google Acadêmico, no período do mês de março de 2021 a maio de 2022. Foram selecionados 19 artigos, para o processo de revisão narrativa de literatura, que se trata de uma pesquisa voltada à análise da literatura publicada em livros, artigos de revista impressas e/ou eletrônicas (TABELA 1).

As palavras-chave utilizadas para realizar a pesquisa foram: futebol, mulheres, escola, educação física. E, também, foram utilizadas expressões para a pesquisa, como: questão de gênero nas escolas, futebol feminino nas escolas, as diferenças entre gêneros, reconhecimento de habilidades esportivas femininas.

Os critérios de inclusão para a seleção dos artigos foram: artigos completos e estudos com foco em mulheres e futebol no ambiente escolar. Os critérios de exclusão foram: textos incompletos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 1 – Seleção de Estudos Divididos por Temáticas

Temáticas	Quantidade Encontrada	Quantidade Selecionada	Estudos Selecionados
Futebol Feminino nas Escolas	10	7	✓ JORAS, 2013 ✓ SALLES; SILVA; COSTA, 1996 ✓ DARIDO; SOUZA, 2002 ✓ FURLAN; SANTOS, 2008 ✓ LIMA, 2017



			<ul style="list-style-type: none"> ✓ SANTOS; HIROTA, 2012 ✓ VENTURA; HIROTA, 2007
Gênero	7	4	<ul style="list-style-type: none"> ✓ TOJAL, 2003 ✓ ALTMANN, 1999 ✓ SIMÕES, 2003 ✓ BERRIA; BEVILACQUA; CASTRO; DARONCO, 2010
Imagem das Mulheres	8	5	<ul style="list-style-type: none"> ✓ GOELLNER, 2003 ✓ KNIJNIK, 2001 ✓ SIMÕES; KNIJNIK, 2004 ✓ DEVIDE, 2008 ✓ GOELLNER, 2007
Futebol na Educação Física	7	3	<ul style="list-style-type: none"> ✓ DARIDO; SOUZA JR, 2010 ✓ CASTELLANI FILHO, et. al, 2009 ✓ PEREIRA, 2004

Fonte: elaborada pela autora desta pesquisa.

Durante a Era Vargas e vigente até 1983 foi proibido, dentre os esportes considerados masculinos, a prática do futebol feminino no Brasil. Sendo estabelecida uma lei (Decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941) pelo Conselho Nacional de Desportos (CND) onde apresentava à orientação que as mulheres eram voltadas para o cuidado do corpo e apenas a gestação saudável dos seus filhos. “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.” (Brasil, 1941).

De acordo com Knijnik (2001), em 1965, o CND proibiu às mulheres a praticar algumas atividades esportivas, tais como: futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo, halterofilismo, beisebol e lutas. Para legislar tais normas, muitos argumentos foram levantados e defendidos por autoridades no assunto. Sob bases biológicas e fisiológicas, alegavam quais seriam as atividades adequadas para o corpo e a saúde das mulheres, futuras mães.

Sempre foi colocado um ponto de interrogação quando o assunto era baseado em falar sobre a participação das mulheres na prática de futebol, já que a sociedade carregava uma cultura em que a mulher é vista como um sexo frágil, sendo considerada, na maioria das vezes,



como incapaz de realizar práticas esportivas e corporais, porque tais práticas exigem força, habilidades, dentre outras.

De acordo com Tojal (2003), em uma concepção tradicional de educação, passada por gerações, as mulheres não podiam expressar suas revoltas. Durante muitos anos, usaram-se justificativas biológicas para diferenciar as práticas corporais e esportivas oferecidas a homens e mulheres, ditando o que seria “natural” para cada um dos sexos (GOELLNER, 2003).

No entanto, o ambiente esportivo se apresenta como um mundo de representações, construções e transformações de homens e mulheres que, por inúmeras vezes, ultrapassam os limites entre as fronteiras do que foi construído culturalmente como feminino e masculino.

Essa constante reafirmação de masculinidade e de feminilidade, também, acontece nos primeiros contatos das alunas com as atividades esportivas na escola. Nas palavras de Tenroller (2009, p.43), “é aceito como natural por ambos os gêneros, o entendimento de que as meninas são mais fracas e frágeis”.

Então, de acordo com essa cultura, que permeou o mundo do esporte por tanto tempo, sempre tentando justificar e criar motivos para selecionar atividades que só as mulheres eram capazes de realizar, assim como, as realizadas pelos homens, é compreensível dizer que dentro dessa “divisão de atividades”, colocavam as mulheres como inaptas a realizarem práticas esportivas, o que está em desacordo com a realidade, uma vez que as mulheres são tão ou mais capazes de realizar as modalidades esportivas, tais como os homens. Assim, percebe-se que, dentro dos esportes, existe um grande ponto de construções em que mulheres se tornam ou já nascem aptas a realizarem atividades iguais e até maiores do que os homens (JORAS, 2013).

A Abertura do Futebol às Mulheres: Um Breve Histórico

Mais recentemente na história as mulheres começaram a participar do futebol, por exemplo:

O futebol feminino ganhou visibilidade no contexto futebolístico brasileiro na década de 1980. Há consenso em se afirmar que os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo serviram como cenário principal para este desenvolvimento. No primeiro, a modalidade ganhou visibilidade, com o surgimento da primeira liga de futebol feminino em 1981 e a realização de diversos campeonatos, como: I Campeonato de



futebol de praia feminino do Rio de Janeiro; I Torneio de Futebol Society Feminino - Casas Pernambucanas; I Cop Regine's Cinzano de Futebol Feminino e a Copa Unibanco de Futebol Feminino; em 1983 o I Campeonato Carioca de futebol e o Copertone Open de futebol feminino (SALLES *et al.*, 1996, p. 79-94; GOELLNER, 2006, p. 171-196).

Porém, mesmo com grandes patrocinadores e com a revogação da lei da CND que proibia as mulheres de praticar esportes, a CBF ainda continuou tentando impedir a expansão do futebol feminino no Brasil, proibindo que os campeonatos fossem realizados em campos oficiais, sendo que suas primeiras práticas dentro desses estádios eram realizadas apenas como festivais e não como competições (SALLES *et al.*, 1996; GOELLNER, 2006).

A década de 1990 foi marcante para o desporto no cenário esportivo mundial, pois em 1991 foi criado o Campeonato Mundial de Futebol Feminino, considerado como a Copa do Mundo do Futebol Feminino. Devido a tal acontecimento, os dirigentes da CBF montaram às pressas a primeira seleção nacional de futebol feminino. Neste evento, o Brasil não obteve medalha, mas na terceira edição do mundial, em 1999, nos Estados Unidos, o Brasil alcançou o inédito terceiro lugar, após morte súbita nos pênaltis contra Noruega, demonstrando sua evolução técnica (DARIDO, 2002, p. 43).

Mesmo assim, até na forma em que foi colocado o nome do campeonato, conseguimos ver que na linguagem também deve haver um processo de construção social de gênero, devido ao surgimento tardio das atividades esportivas para as mulheres, então foi um processo natural à descrição que o Campeonato é de Futebol Feminino e dos homens não é preciso deixar claro o sexo, sendo apenas descrito como Campeonato de Futebol (DARIDO, 2002).

O esporte de alto rendimento na sociedade brasileira tem sido um espaço em que as mulheres têm marcado presença, com aumento da participação. Contudo, ainda são comuns julgamentos sobre sua beleza estética e sensualidade, mantendo em segundo plano a sua capacidade atlética, valores socioculturais que já deveriam ter sido superados.

Neste caso, a inserção das mulheres no futebol em alto rendimento, não suprimiu os preconceitos circulantes, pois, ainda travam uma batalha constante para manterem sua permanência neste esporte que, movidas pelo amor e esforços voltados a esta prática desportiva, mantêm-se ativas como atletas (DEVIDE, 2008; SIMÕES; KNIJNIK; 2004).

O ambiente escolar como um reflexo da sociedade “desde o seu início, produziu distinções e desigualdades, a escola se incumbiu de separar os sujeitos, através de múltiplos



mecanismos de classificação, ordenamento e hierarquização” (FURLAN; SANTOS, 2008, p. 32).

Ainda, nas escolas, existe uma grande desigualdade entre os gêneros na prática de atividades esportivas, já que é um tema tão confuso na cabeça dos estudantes. Portanto, cabe aos professores de educação física, à escola, às famílias e à sociedade em geral atuarem para a mudança nas formas de abordar certos temas, como os de gênero, tão polêmicos e confusos para muitos profissionais, buscando na sua intervenção maneiras de minimizar as práticas excludentes, possibilitando a equidade desejada entre os gêneros (FURLAN; SANTOS, 2008, p. 40).

O Futebol Feminino na Educação Física Escolar

Desde os princípios, a escola, por ser uma instituição detentora das funções educacionais e de formação social, produziu a desigualdade, realizando ações como: separar estudantes dentro do ambiente escolar, por meio de classificações, ordenamentos e hierarquização; demarcar os conhecidos “coisas de meninos” e “coisa de meninas”.

Mesmo compreendendo que não deveria ocorrer essa divisão, sabemos que esse processo de inserção da mulher no mundo dos esportes não é de hoje e que ainda existem inúmeras barreiras a serem superadas.

No entender de Simões (2003), os estereótipos biológicos que tinham por base uma análise anatomofisiológica e, sempre colocando os atletas do sexo masculino com maiores possibilidades de sucesso, acabaram reforçando preconceitos e, num primeiro momento, dificultando a jornada das mulheres pelo mundo dos esportes.

Desde a implantação de esportes na educação física escolar brasileira, foram construídas imagens através de um contexto sociocultural no qual o papel das mulheres seria de um sexo frágil e dócil, já o sexo masculino seria ligado a um papel de força e poder, marcando a diferença entre os gêneros.

Se é conformação anatômica dos sujeitos aquilo que os define, dentro dessa perspectiva, nada mais “natural” que recomendar aos homens e mulheres diferentes



possibilidades de movimentação. A eles a aventura, a potência, o desafio, a força; a elas, a aventura comedida, a potência controlada, a força mensurada, o desafio ameno. Para as mulheres, em grande medida, é incentivado viver o espetáculo esportivo desde que não deixe de lado, por exemplo, a graciosidade, a delicadeza e a beleza, atributos colados a uma suposta “essência feminina”. Argumentos como estes operam como mecanismos de exclusão e inclusão em diferentes modalidades esportivas, posicionam as mulheres, demarcam seus espaços de sociabilidade, pois insistem em afirmar que determinadas atividades não são apropriadas aos seus corpos vistos, grosso modo, como de natureza mais frágil que os corpos dos homens (GOELLNER, 2007a, p. 184-185).

O que deve ser colocado em questão dentro das aulas de educação física não é a comparação entre o masculino e o feminino e sim, a contribuição de cada mesmo com as diferenças existentes, trabalhando com atividades que possam ser praticadas por todo mundo, valorizando o desenvolvimento pessoal e social.

Nas palavras da Altmann (1999), fica claro o fato de que os meninos nunca ficaram muito confortáveis com a ideia de jogar contra as meninas, já que eles se sentem ameaçados em sua masculinidade, com medo de serem derrotados, porque as meninas podem acabar superando as expectativas e apresentarem enormes habilidades para o esporte.

Separar meninos e meninas nas aulas é estabelecer uma divisão polarizada entre gêneros; é exagerar uma generificação das diferenças entre as pessoas, desconsiderando variações no gênero e considerando apenas diferenças de gênero como importantes numa aula; é tornar as fronteiras das divisões de gênero mais rígidas do que de fato são, e negar aos meninos e meninas a possibilidade de cruzá-las; é furta-lhes de antemão, a possibilidade de escolha entre estarem juntos ou separados (ALTMANN, 1999, p.176).

Na escola, cabe aos professores de educação física compreenderem que o ambiente escolar é um local de construção social do masculino e do feminino. Atividades que promovam a separação dos sexos devem ser trocadas por atividades que possibilitem a interação entre os dois sexos como forma de diminuir ou até mesmo acabar com o sexismo nos esportes (ALTMANN, 1988).



Intervenções Pedagógicas do Professor nas Aulas de Educação Física

É válido discutir sobre a participação feminina nas aulas de Educação física, o papel de professores e da unidade escolar como mediadores no processo de desconstrução das “travas” estabelecidas pela sociedade que definem como papel feminino cuidar da casa, do esposo e dos filhos, em que a mulher é vista como sendo o sexo frágil, sensível e dependente. Características essas que acabam por definir o que é adequado ou não para as meninas nas aulas de Educação Física (LIMA, 2017).

De acordo com Souza Jr. e Darido (2002, p.3), as atribuições do professor de Educação Física na escola vincula se à finalidade de contribuir para:

(...) a formação global do cidadão, incluindo-se assim, os aspectos biológico, cultural, social e afetivo. Dentro desta perspectiva cabe ressaltar a importância de proporcionar a todos os educandos, indistintamente, as mesmas oportunidades de aprendizado. No entanto, na prática podemos observar uma diversificação de tratamentos para meninos e meninas, perpetuando os modelos sexualmente tipificados pela família e sociedade.

Segundo Santos e Hirota (2012, p.1), “através de intervenção do profissional de educação física as meninas são incluídas no ambiente escolar dividindo o espaço com os meninos”. Os mesmos autores relatam que para a participação feminina nas aulas em que o tema é o futebol seja constante é necessário que tenham “incentivo familiar e um bom relacionamento com o professor de educação física”.

Podemos considerar como uma trava nesse avanço da participação das meninas dentro do esporte na escola, a forma em que os meninos lidam quando percebem que tem que dividir o espaço com as meninas, já que para eles, elas vão atrapalhar e para elas, eles vão acabar machucando e atrapalhando o desempenho dentro do jogo.

O que acentua os estereótipos de gênero nas aulas de educação física na escola é a determinação das atividades por sexo, por exemplo, a menina dança e o menino joga futebol. Se o objetivo das aulas é desenvolver as qualidades físicas, e as habilidades motoras, que são igualitárias aos dois sexos, se são trabalhados a expressão corporal e o ritmo, são para os dois sexos, se for à força também se destina aos dois. O que não pode ocorrer é um sexo ser mais privilegiado em relação às oportunidades que o outro devido às características físicas serem mais determinantes em um sexo do que no



outro. Com isso nas aulas de educação física acabam ocorrendo desentendimentos entre os alunos (BERRIA, *et al.*, 2010, p.1).

Observando as situações, pode-se compreender que para barrar esses obstáculos do sexismo e incluir as meninas nas aulas, o profissional de Educação Física é de suma importância para intervir e realizar mudanças nessa realidade.

Não pode o professor de Educação Física de hoje continuar cometendo os erros de outrora, concretizando em suas aulas os estereótipos e preconceitos da sociedade. É preciso fazer da aprendizagem do futebol uma prática proveitosa e prazerosa às meninas, assim como fazer da aula um momento de reflexão sobre a construção histórica de papéis e as diferentes atribuições, podendo dessa forma reduzir a discriminação acerca do futebol feminino (VENTURA e HIROTA, 2007, p.7).

Nesse sentido, Santos e Hirota (2012, p.1) propõem “que o professor deve facilitar a participação de todos nas aulas de educação física, uma vez que o tema seja futebol, sendo assim deixando de lado as questões relacionadas ao gênero, e difundindo o esporte para com todos os alunos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho observou que ainda existem questões inerentes ao preconceito, sendo este muito marcante dentro da educação física escolar, mesmo com tantas conquistas das mulheres nessa luta contra a desigualdade, ainda são necessárias intervenções pedagógicas para desconstruir barreiras criadas culturalmente, barreiras essas que não oportunizam as mulheres até os dias atuais a participarem do futebol na educação física ou até mesmo em outros eventos voltados ao próprio esporte.

Ainda há muita resistência do sexo masculino em aceitar o desempenho da mulher no futebol, insistindo na conduta que a mulher continua sendo vista como “sexo frágil”, porém, muita coisa mudou até os dias atuais, já que as mulheres vêm conquistando um vasto espaço no mundo futebolístico no Brasil, sendo assim, podemos notar o grande avanço das mulheres no esporte em si, mas nas escolas ainda percebemos a falta de incentivos do corpo docente, falta de incentivos familiares e a própria falta de motivações.



Sendo assim, é preciso que a escola, em vez de ser um ambiente que limita o que cada sexo pode ou não fazer, ele deve, juntamente com o corpo docente, incluir métodos dentro dos seus planejamentos com o intuito de oferecer aulas de futebol específicas para meninas na Educação Física Escolar e deve incluir também métodos que mostrem aos estudantes o quanto essas barreiras “sexistas” reproduzem o preconceito nesse esporte.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: marias (e) homens na educação física.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.21, p. 112-117; 175-176, 1999.

BERRIA, J.; BEVILACQUA, L. A.; CASTRO, T. M. R. DARONCO, L. S. E. **O gênero nas aulas de Educação Física: questões e conflitos.** EFDeportes.com, Revista Digital, Buenos Aires, ano 15. n. 143. abril. 2010.

BRASIL. Decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941. **Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país.** Rio de Janeiro, 14 de abril de 1941; 120º da Independência e 53º da República.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. **Que altera a lei 9.394 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília, 16 de fevereiro de 2017; 196º da Independência e 129º da República.

CASTELLANI FILHO, L. et.al. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** 2. ed. rev- São Paulo: Cortez, 2009.

DARIDO, S. C. **Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica.** Motriz, Rio Claro, v. 8, n. 2, p. 43-49, 2002.

DARIDO, S. C; SOUZA JÚNIOR, O. M. **Refletindo sobre a tematização do futebol na Educação Física escolar.** Revista Motriz, Rio Claro, v.16, n.4, p.920-922 930, out./dez. 2010.

DEVIDE et al. **Produção de sentidos sobre a visibilidade de mulheres atletas no jornalismo esportivo: interpretações a partir do caderno de esporte do jornal “O Globo”.** In: ROMERO, E.; PEREIRA, E. G.B. (Orgs.). Universo do corpo: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape/Faperj, 2008. p. 401-416.



FURLAN, C.; SANTOS, P. **Futebol Feminino e as Barreiras do Sexismo nas Escolas: reflexões acerca da invisibilidade.** Motrivivência, N° 30, P. 28-43 Jun./2008.

GOELLNER, S. V. **Feminismos, mulheres e os esportes:** questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. Movimento, Porto Alegre, v.13, n. 02, p.171- 196, maio/agosto de 2007.

GOELLNER, S. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica.** Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

JORAS, P. **Relações de gênero e futsal praticado por meninas na escola.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

KNIJNIK, J. D. **Ser e ser percebido: uma radiografia da imagem corporal das atletas de handebol de alto rendimento no Brasil.** 122 p. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

LIMA, D. R. **A participação feminina no futebol nas aulas de Educação Física Escolar: Por que não?** Piritiba, 2017.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade, educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PEREIRA, S. A. M. **O sexismo nas aulas de educação física: uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras.** Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 2004, 182 p. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

SALLES, J. G. C; SILVA, M. C. P; COSTA, M. M. **A mulher e o futebol-significados históricos.** In. VOTRE, S. (Org). A representação social da mulher na Educação Física e no esporte. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1996, p. 79-94.

SANTOS, P. S. M.; HIROTA, V. B. **Futsal na Educação Física escolar: a participação das meninas.** EFDeportes.com, Revista Digital, Buenos Aires, ano 17. n. 167. abril. 2012.

SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D (Orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho.** São Paulo: Aleph, 2004.

SIMÕES, R. D. **Gênero na Educação Física: a emergência de um conceito.** In: XIII CONBRACE - Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2003, Caxambu - MG. Anais do XIII CONBRACE, 2003.

SOUZA JR., O. M.; DARIDO, S. C. **A prática do futebol feminino no Ensino Fundamental.** Revista Motriz, Revista Motriz Rio Claro, v.8, n.1, 2002. p. 1-9.



TOJAL, M. C. **Corpo de mulher e poder: relações de gênero.** Lato & Sensu, Belém, v.4, n.1, p.1-8, out 2003.

VENTURA, T. S.; HIROTA, V. B.. **Futebol e salto alto: porque não?** Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v. 6, n. 03, 2007.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus pelas maravilhas que tem proporcionado em minha vida e por ter me dado força e discernimento para concluir esse curso. Aos meus pais Edson e Joseneura que com toda dedicação, motivação e paciência contribuíram para que eu pudesse finalizar esse artigo.

A minha estimada tia Priscila Feliciano, Bacharel em Direito, por ter me auxiliado na compreensão e explanação do meu trabalho, e com paciência e dedicação ter me apoiado.

Em especial ao meu pai Edson Martins Silva, por ter me concedido a realização do sonhado curso de Licenciatura em Educação Física, por sua inesgotável atenção, dedicação e preocupação com que cobrava excelência e empenho no meu desenvolvimento disciplinar.

Minha gratidão ao corpo docente do curso de Educação Física da UNICEPLAC que com toda dedicação fez com que eu me apaixonasse mais por essa área que escolhi para exercer, nos apoiando e mostrando o quanto é gratificante trabalhar na área de Educação Física.

